



## ATLETAS OLÍMPICAS BRASILEIRAS E A MATERNIDADE: DO MITO À REALIDADE

Resumo - Ao longo da história, as mulheres foram proibidas de práticas de atividades competitivas em diferentes contextos e épocas, seja pelo espaço social que podiam ocupar ou por argumentos relacionados a sua biologia e constituição corporal. O corpo da mulher, no que tange sua fertilidade, referenciou determinantes às suas possibilidades sociais. Sob o viés mítico, as distintas figuras femininas sagradas eram aquelas que davam o dom da vida, a criação das coisas, muitas vezes sem necessitar de nenhuma figura masculina, enfatizando as questões da maternidade. Em certo tempo, a prática de atividade física poderia favorecer a mulher naquilo que seria — ou ainda o é — dito como sua função natural, mas sempre segundo determinações masculinas. Ainda que com as diferentes mudanças ao longo do tempo, as atletas olímpicas brasileiras ocuparam e ocupam estes espaços e papéis, carregando-os com todas as suas cargas, responsabilidades e culpas, tanto no desejo ou concretização da maternidade quanto na expressa vontade de não cumprir este papel imposto. Utilizando-se das narrativas biográficas, este artigo objetiva discutir as questões da maternidade que envolvem o esporte e, principalmente, as atletas olímpicas brasileiras.

Palavras-chave: esporte Olímpico; maternidade; narrativas biográficas; atletas; gênero.

## BRAZILIAN OLYMPIC ATHLETES AND THE MOTHERHOOD: FROM MYTH TO REALITY

Abstract – Throughout history, women have been prohibited from practicing competitive activities in different contexts and times, either because of the social space they could occupy, or arguments related to their biology and body constitution. The woman's body, mainly related to her fertility aspects, regulated to determinants of her social possibilities. Under the mythical bias, the distinct sacred female figures were those who gave the gift of life, the creation of things, often without needing any male figure, putting the issues of motherhood in focus. At a certain time, the practice of physical activity could favor women in what would, or still is, said as their natural function, but always in masculine determinations. Although with the different changes over time, Brazilian Olympic women athletes had occupied these spaces and roles, carrying them with all their burdens, responsibilities and blame, both in the desire or concretization of motherhood, as well as in the express will of not fulfill this imposed role. That said, using biographical narratives, this article aims to discuss the issues of motherhood that involve sport and, especially, Brazilian Olympic athletes.

Keywords: Olympic sport; motherhood; biographical narrative; athletes; gender.

## ATLETAS OLÍMPICAS BRASILEÑAS Y LA MATERNIDAD: DEL MITO A LA REALIDAD

Resumen - A lo largo de la historia, a las mujeres se les ha prohibido practicar actividades competitivas en diferentes contextos y épocas, ya sea por el espacio social que se les permitía ocupar o por argumentos relacionados con su biología y constitución corporal. El cuerpo de la mujer, en términos de fertilidad, referenció determinantes de sus posibilidades sociales. Bajo una mirada mítica, las distintas figuras femeninas sagradas eran aquellas que regalaban la vida, creaban las cosas, a menudo sin la necesidad de una figura masculina, remarcando las cuestiones de la maternidad. En cierto momento, la práctica de la actividad física podría favorecer a las mujeres en lo que se decía — o todavía se dice — que es su función natural, pero siempre bajo determinaciones masculinas. Aunque con los diferentes cambios a lo largo del tiempo, las atletas olímpicas brasileñas han ocupado — y ocupan todavía hoy — estos espacios y roles, llevándolos con todas sus cargas, responsabilidades y culpas, tanto en el deseo o la concreción de la maternidad como en la voluntad expresa de no cumplir con el rol impuesto. Así, por medio de narraciones biográficas, este artículo tiene como objetivo discutir los temas de la maternidad que involucran el deporte y, especialmente, las atletas olímpicas brasileñas.

Palabras-clave: deporte Olímpico; maternidad; atletas; narrativas biográficas; género.

*Julio Cezar Fetter*

*Faculdade de Educação*

*Universidade de São  
Paulo, Brasil*

*julio\_c\_fetter@yahoo.com.br*

*[http://dx.doi.org/  
10.30937/2526-  
6314.v4.id101](http://dx.doi.org/10.30937/2526-6314.v4.id101)*

*Recebido: 15 jun 2020*

*Aceito: 10 set 2020*

*Publicado: 15 set 2020*

## Introdução

Ao longo da história, as mulheres foram constantemente associadas com a maternidade, em diferentes maneiras, pontos de vista, incorporando às mulheres a responsabilidade e o cuidado sobre um novo ser. Esse discurso se faz presente nas organizações sociais, políticas públicas, espaços culturais. A questão de gênero, com ênfase no que se refere a ser mãe, é um argumento social sempre presente às discussões do que as mulheres podem ou não fazer. Com a conquista de diferentes espaços, a colocação da maternidade como algo inato começa a ser questionada, assim como a legitimação desse lugar e as proibições daquilo que as mulheres querem ou não realizar.

Glenn, Forcey e Chang<sup>1</sup> descrevem maternidade e gênero como interconectados: essencialmente subjetiva, a maternidade carrega a mais importante questão ao se interpretar gênero como algo natural, universal e imutável. Maternidade, ou mais proximamente ‘maternagem’, como utilizado pelos autores, é discutida como uma função da mulher e, durante grande parte do século XX, é criado e idealizado um modelo de ‘maternagem’, sobrecarregando à mulher toda a responsabilidade do cuidado, como função maior, em partes em uma missão solitária ao longo dos primeiros anos de formação das crianças.

Neste sentido, o esporte tem essa relação muito próxima, uma vez que a condição do corpo feminino era a razão pela qual as mulheres eram proibidas de participar. A fragilidade feminina, argumento de Pierre de Coubertin, era pautada na tradição da Grécia Antiga, negando a participação feminina nos Jogos Olímpicos de 1896 em Atenas. Se na Grécia Antiga a proibição da participação das mulheres era atribuída por aspectos políticos e sociais, no século XIX o argumento era biológico<sup>2</sup>. Contrária à proibição, a atleta grega Stamata Revithi foi barrada de participar da maratona. Stamata não pode correr com os homens, mas realizou o circuito olímpico da maratona dois dias depois da competição oficial e, além de atleta, também era mãe<sup>3</sup>.

Com o passar o tempo, diversas culturas, nas diferentes áreas geográficas parecem compreender as relações entre mulher, esporte e maternidade de formas distintas destas outrora apresentadas. Se por um grande período a atividade física era vedada para preservação da saúde feminina, especialmente no que se refere a capacidade de gerar uma criança, em alguns contextos a prática de esportes poderiam auxiliar a mulher na sua função dita natural, algo sempre decidido por homens. Embora o programa olímpico

equipare as diferentes práticas, temos expressões fortes do machismo e, como questão em destaque, a maternidade como um pensamento que circunda o imaginário de atletas em suas narrativas, seja àquelas que já são mães, ou àquelas que a intenção está presente ou não em seu futuro, mas numa compreensão da sua percepção própria e social do conceito feminino<sup>4,5</sup>. Uma criança, particularmente para uma mulher atleta, torna-se uma questão que atravessa ainda mais suas decisões e suas carreiras.

No Brasil, esses paradigmas devem ser analisados compreendendo a sociedade patriarcal posta. De acordo com Freyre<sup>6</sup>, a sociedade patriarcal brasileira foi organizada com as influências africanas, europeias e dos povos indígenas, numa formação cultural híbrida. Afirma que a formação desta sociedade patriarcal se caracteriza nas suas virtudes e imperfeições, mais nas suas considerações econômicas ao determinar um modelo base de família na sociedade brasileira, não sob o ponto de vista pessoal, mas das associações públicas e privadas. Neste contexto específico, a participação da mulher brasileira no esporte, a partir das primeiras décadas do século XX, tem um crescimento e maior visibilidade<sup>7</sup>.

Ao pensarmos estes conteúdos, mister se faz, primeiramente, destacar a nossa compreensão sobre lugar de fala. Lugar de fala é compreendido como o lugar social que ocupamos para, deste, pensar, propor, refletir sobre um objeto de estudo<sup>8</sup>. As leituras sobre maternidade, mulher e esporte foram feitas tendo esta premissa. Tendo a dimensão deste lugar, a partir de uma compreensão sobre as questões históricas e tendo o mito como suporte para análise, este estudo objetiva analisar as narrativas biográficas de atletas olímpicos brasileiras e brasileiros, mulheres e homens, sobre as questões referentes a ter um filho ou filha, sejam elas explícitas, concretas, subjetivas, ocultas.

## **Materiais e métodos**

Este estudo pautou-se pelo método das narrativas biográficas proposto por Rubio<sup>9,10</sup>, no entendimento que discursos individuais darão suporte a compreensão do sujeito que os narra, privilegiando a oralidade. A partir de sua história de vida, cada atleta ou pós atleta traz marcas e interpretações, significando sua vivência<sup>11</sup>. Bosi<sup>12</sup> afirma que apesar de a coleta das narrativas ser um processo individual, de um ser único, a coletividade das memórias representa uma construção social do grupo do qual aquela ou aquele faz parte.

A narrativa, sob o aspecto da linguagem, nos dá uma posição privilegiada na construção e circulação de significado. Compreende-se essa linguagem além da transmissão neutra de fatos e acontecimentos, tidos como naturais, que constituem os sujeitos. Desta forma, o discurso não se encerra no seu componente linguístico, mas produz efeitos no próprio narrador<sup>10,13</sup>. Compreende-se que

A narrativa, mesmo quando se trata de uma narrativa histórica, subverte a lógica temporal ao produzir um efeito de sincronidade e de contemporaneidade que ajuda a tornar o estranho em conhecido e em contemporâneo o que é distante do tempo (...) a partir dos quais surge uma espécie de sabedoria partilhada e ascendente sobre o mundo (p.94-95)<sup>14</sup>.

As narrativas foram coletadas por meio de entrevistas, sem nenhum direcionamento para o tema em questão, apenas quando surgia da própria entrevistada. Após a coleta, realizamos a transcrição para as análises. A análise se deu nos discursos de atletas de diferentes modalidades e edições olímpicas. Ao observar os discursos, procuramos por menções diretas às questões da maternidade, a filhos e filhas, bem como aquelas presentes nas subjetividades, quando abordavam sobre a continuidade de suas carreiras, sobre as estruturas de treinamento para a mulher, questões sociais, como cônjuges e família, que permeavam as suas escolhas sobre ser ou não mãe.

## **Revisão bibliográfica**

### **A grande mãe**

Primeiro veio o caos e então tivemos Gaia, segundo a mitologia grega, que deu a vida a Urano sem precisar de uma figura masculina e, ainda por conta própria, criou as montanhas, vales e colinas. A não necessidade da figura masculina traz as questões do imaginário da fertilidade e seus mistérios; apenas após, Gaia com Urano deu a luz aos titãs<sup>15</sup>. Réia, filha de Gaia e Urano, é a responsável pela criação da vida na terra. Se Zeus deu o sopro de vida aos humanos, Réia criou as coisas do mundo. Embora a Grécia Antiga e obviamente os valores presentes nos Jogos Olímpicos da Antiguidade, pautassem-se por valores patriarcais, a coroa de louros, honra maior dada aos vencedores, continha um importante significado do feminino: era depositada no Templo de Hera até que a competição terminasse<sup>16</sup>.

Os mitos eram utilizados em diferentes culturas em um passado remoto, na criação de divindades que pudessem explicar o mundo e a vida, delegando a essas divindades uma condição de princípios naturais e universais. Nesta perspectiva, a conexão entre a mulher e a maternidade é um tema presente nos registros históricos e construções mitológicas. O mito é a narrativa dinâmica de imagens e símbolos que dão lugar às ações de articulação do passado e do presente, olhando para o futuro<sup>17</sup>.

Campbell e Dantas afirmam objetivamente que “uma mulher com seu filhinho é a básica da mitologia (p.7)”<sup>18</sup>. Encontramos também o conceito da Grande Mãe como a deusa da fertilidade, presente em sua forma terrestre, separada do céu, seu consorte, para que a criação pudesse ocorrer nela<sup>19</sup>. Mesmo em mitos ou religiões em que o mundo e a vida foram criados por uma figura masculina, o feminino está sempre embutido da procriação. E, em diferentes registros, é recorrente o surgimento/nascimento do mundo através de uma deusa.

Em outro mito, originário a tribo *Wahungwe Makoni, do sudoeste da África, Maori (Deus) deu a Mwuesti*, uma figura masculina da lua, alguns seres femininos, como *Massassi* e *Morongo*. Em diferentes momentos do mito, após o toque de um homem, as mulheres começavam a dar vida a coisas, como animais e árvores, incluindo outros seres humanos<sup>20</sup>. No Cristianismo, Deus criou todas as coisas e seres, mas, assim como Gaia, Maria pode dar a vida ao Deus na terra, sem a necessidade de uma figura masculina. Posto isso, Maria, a mais importante figura feminina na Igreja Católica, representa o símbolo verdadeira da maternidade<sup>21</sup>. Maria, em um olhar objetivo, é a mãe de Deus, que deu vida a Ele na terra; em sua subjetividade, Maria representa o lado feminino de Deus, a representação do dom da vida. A imagem de Maria é construída, também, para permitir à mulher todas as suas possibilidades de acolhimento em uma representação coletiva, pautando os processos de individuais. Maria, como arquétipo, símbolo e primeira imagem, representa um fator importante da personalidade<sup>22</sup>.

Em contrapartida à dimensão iluminada e celestial de Maria, Iemanjá é conectada com a realidade terrestre, as profundezas abissais e obscuras dos oceanos. Ela traz consigo, no entanto, o mesmo arquétipo de mãe: mãe dos Orixás, mãe da água, que deve proteger os deuses, humanidade e o oceano. Iemanjá representa o princípio da feminilidade e criação<sup>23</sup>. Paradoxalmente, Iemanjá e Maria são partes do arquétipo da

Grande Mãe, símbolo de virtudes, responsável pela proteção, pelo dom da vida, associadas a fertilidade<sup>22</sup>. Machado<sup>16</sup> afirma

A mulher, inevitável personificação da imagem mítica da Grande Mãe, viu seu status social se alterar na medida em que o imaginário coletivo também se alterava, primeiramente desfrutando de grande prestígio, e depois assumindo o papel de submissão. Portanto, a forma como cada cultura desenvolveu seus mitos influenciou diretamente o seu papel na sociedade (p.235).

Dando suporte a esta citação, Campbell e Fischer<sup>24</sup> ressaltam que o lugar da mulher começa a se transformar à medida que se compreende mais as questões da natureza e o controle sobre ela, ainda que parcialmente. Em diferentes culturas há a criação de mitos em que uma serpente é derrotada por uma figura masculina, simbolizando a queda da organização matriarcal da sociedade pelo ímpeto guerreiro masculino. Isto é, uma vez mais, a construção social que se faz representada pelas interpretações dos mitos. O imaginário feminino tem transformações marcantes nos seus papéis, oriundos de grandes transformações históricas.

### **História e a maternidade**

No período Paleolítico, diante da imprevisibilidade da fertilidade e da submissão à força da natureza, havia indicativos que grupos se organizavam de forma matriarcal. Existem registros de um grande número de bisões em figuras europeias deste período. De acordo com Leroi-Gourhan<sup>25</sup>, esta figura representa o feminino, enquanto o masculino se fazia representar por figuras de cavalos, presentes em menor quantidade. Isto pode ser explicado pela falta de conhecimento sobre a fertilidade e a maternidade. Entre 30.000 e 10.000 A.C., a alusão aos mistérios da Fertilidade começam a se clarear, a partir de representações femininas com seios e quadris mais largos. O controle da agricultura foi um fenômeno importante para, gradualmente, transformar a igualdade de mulheres e homens. Nos sistemas de caça e coleta, ambos foram responsáveis por trazer os meios de subsistência, ou seja, a economia. Nesse sistema, as taxas de natalidade eram baixas, em parte, por causa do longo período de amamentação. Além disso, cuidar de uma criança seria uma sobrecarga<sup>26</sup>. O domínio da agricultura facilita o domínio masculino e Stearns<sup>26</sup> explica

Na caça a na coleta, ambos os sexos, trabalhando separados, contribuíam com os bens econômicos importantes. (...) A agricultura estabelecida, nos locais em que se espalhou, mudou isso, beneficiando o domínio masculino. À medida que os sistemas culturais, incluindo religiões politeístas, apontavam para a importância de deusas, como geradoras de forças criativas associadas com fecundidade e, portanto, vitais para a agricultura, a nova economia promovia uma hierarquia de gênero maior. Os homens agora eram responsáveis, em geral, pela plantação; a assistência feminina era vital, mas cabia aos homens suprir a maior arte dos alimentos (p.31-32).

A taxa de natalidade aumentou por um lado em virtude de maiores recursos, por outro pela possibilidade de contar com a mão de obra infantil. Completa, que uma vez que a maternidade consumia mais tempo, os homens eram os responsáveis pelas tarefas agrícolas, definindo às mulheres um vida mais diretamente envolvida com gestação e os cuidados das crianças, “o cenário para um novo e penetrante patriarcado (p.32)”<sup>26</sup>. Essa teoria é reforçada por Albornoz<sup>27</sup>, que declara que a organização das tarefas rurais contribuiu para construir o conceito de fragilidade e inferioridade feminina, caminhando para a determinação da mulher aos trabalhos domésticos.

Inicia-se então um período de controle do outro, como propriedade, como algo que os homens poderiam determinar as possibilidades e limites das mulheres. O patriarcado imputa às mulheres seus papéis na sociedade e, sobretudo, refere-se aos pontos de vida sobre teorias e estruturas do mundo, conceitos da vida humana e espaços sociais; neste contexto, define-se assertivamente o corpo da mulher na sua relevância biológica. Braidotti<sup>28</sup> afirma

A associação de mulheres a monstros remonta a Aristóteles, que em *The Generation of Animals*, postula a norma humana em termos de organização corporal com base em um modelo masculino. Assim, na reprodução, quando tudo corre de acordo com a norma, um menino é produzido; a fêmea só acontece quando algo dá errado ou falha no processo reprodutivo. A fêmea é, portanto, uma anomalia, uma variação do tema principal da espécie humana. [...] Ele argumenta que o princípio da vida é transportado exclusivamente pelo esperma, o aparelho genital feminino fornece apenas o receptáculo passivo para a vida humana (p.79).

Segundo esse autor<sup>28</sup>, mais do que o significado manifesto, são as subjetividades ocultas que ele traz: significa que os homens são aqueles que, por si mesmos, trazem alguém à vida; não obstante, para Aristóteles, as mulheres não tinham uma alma racional.

Em suma, mostra o domínio masculino do corpo feminino, que só pode fazer o que os homens esperam. Por outro lado, os corpos masculinos são menos controlados pelo patriarcado e, mesmo quando se há esse controle, a autoridade, a decisão e o espaço de poder são masculinos.

O patriarcado é um eixo estruturante da sociedade brasileira, que inclui não apenas a vida privada, mas, principalmente, a organização social, políticas públicas, regras trabalhistas. A sociedade brasileira está organizada em torno de constelações familiares expandidas, que predominam no vínculo parental e no senso de propriedade<sup>28</sup>. Holanda<sup>29</sup> afirmou

A família patriarcal fornece, assim, o grande modelo por onde se hão de calcar, na vida política, as relações entre governantes e governados, entre monarcas e súditos. Uma lei moral inflexível, superior a todos os cálculos e vontades dos homens, pode regular a boa harmonia do corpo social, e portanto deve ser rigorosamente respeitada e cumprida (p.100-1).

O modo de vida familiar supera a vida privada e ocupa todos os espaços, determinando políticas e, conseqüentemente, as estruturas da sociedade brasileira. Isso inclui estruturas e políticas esportivas. O esporte nada mais é do que uma metáfora da dinâmica social<sup>2</sup>. Se o patriarcado determina qual é o papel da mulher, o que o corpo feminino pode (não) fazer, em uma sociedade profundamente imersa na construção masculina de regras sociais e privadas, ser mãe (ou decidir não ser) é uma questão que vai em torno da maioria das mulheres, e o esporte não está alheio a isso: mulheres atletas se relacionam com isso, com impactos em sua carreira, decisões sobre seus corpos e possibilidades. A predominância lógica de um domínio masculino no esporte invalidou, durante um grande período, a experiência atlética como uma possibilidade real para o corpo das mulheres. Em parte, a fragilidade feminina era um argumento usual para decidir quais modalidades esportivas as mulheres poderiam praticar, sempre relacionadas às questões da maternidade.

Pierre de Coubertin concebeu esporte e a competição aos homens, no entendimento da educação e amadorismo, visando à melhoria do comportamento e dos valores; às mulheres restavam o papel de espectadoras<sup>3</sup>. Do corpo das mulheres, esperava-se que elas pudessem mudar para ter saúde - o que compreende um corpo para a



maternidade; os corpos masculinos poderiam ter sua identidade social relacionada ao esporte e competição<sup>7</sup>. Esta autora também afirma

Nesse sentido, é possível afirmar que a presença da mulher no mundo do esporte representa, ao mesmo tempo, ameaça e complementaridade: ameaça porque chama para si a atenção de homens e mulheres, dentro de um universo construído e dominado por valores masculinos e porque põe em perigo algumas características tidas como constitutivas da sua feminilidade. Complementaridade porque parceira do homem em atitudes e hábitos sociais, cujo exercício simboliza um modo moderno e civilizado de ser (p.89)<sup>7</sup>.

O contexto brasileiro do fim do século XIX e início do século XX caracteriza-se pelo fim do Império e a abolição da escravidão, trazendo um novo cenário, novas relações de trabalho, ciência ganhando relevância e medicina ocupando ambientes sociais, redefinindo também estratégias de disciplina e de representação dos corpos, sob a ótica do comportamento moral, servindo para justificar os espaços sociais de mulheres e homens, atividades que poderiam exercer, funções que poderiam ou deveriam desempenhar, enfim, seus papéis na sociedade. Por argumentações biológicas, as mulheres foram marcadas como frágeis, mais afetivas, menos intelectuais, com subordinação de sexualidade e missão materna<sup>30</sup>.

Ainda neste começo de século, Maria Lenk, a primeira mulher brasileira nas Olimpíadas, nadadora das Olimpíadas de 1932, é um marco importante porque fornece uma imagem de uma mulher como atleta, numa época em que o papel feminino era mais compatível com a assistência do que com a competição esportiva. No entanto, diversas políticas ainda foram criadas para verificar a natureza das mulheres. Em 1941, dentro do Ministério da Educação e Saúde, é criado um conselho esportivo que determina: "às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza, devendo, para este efeito, o Conselho Nacional de Desportos baixar as necessárias instruções às entidades desportivas do país"<sup>31</sup>.

Durante o século XX, os conceitos e entendimentos dos corpos passam por muitas transformações, caracterizadas politicamente, embora sejam de uma esfera íntima e privada, ocupando os espaços sociais. A visão higienista, por exemplo, traz a mulher a participar dos espaços sociais para atividade física, mas esses corpos deveriam movimentar-se com restrições e objetivando, segundo homens, a função feminina da

maternidade. Além disso, a maternidade foi inserida como uma responsabilidade biológica das mulheres, como a única que precisava cuidar dos anos de formação do bebê<sup>1</sup>. E é nesse contexto, que as mulheres brasileiras adotaram o ambiente esportivo - pressionadas pelas imposições de papéis incumbidos a elas, ocupando um espaço masculino. As mulheres construíram sua jornada única, encontrando-a com uma postura de luta, embora amistosa, com mais esforços individuais<sup>2</sup>. Mesmo em diferentes grupos sociais e ambientes, as mulheres atletas vincularam sua identidade com base nos papéis normativos de gênero estabelecidos até então, como a figura da mãe e da dona de casa<sup>32</sup>.

## **Resultados e discussão**

### **Maternidade em mulheres atletas brasileiras**

O discurso das atletas brasileiras veio, em grande parte, de maneira cordial, aceitando situações desiguais como naturais. De maneira geral, são comuns os discursos sobre a maternidade, mas sempre colocando essa questão de forma individualizada, poucas menções às estruturas dos clubes, seleções brasileiras ou mesmo dos pais como parte dessa responsabilidade.

É muito comum que descrevam a questão da maternidade como impeditivo de algumas oportunidades em suas carreiras. Uma atleta olímpica, medalhista de ouro em 2008, declara em sua narrativa que interrompeu sua carreira um ano porque não queria jogar em outro país, pois já tinha o filho. Outra, do atletismo, relata que sempre estabeleceu suas práticas em sua cidade por causa da filha, especificamente, adicionando a condição de mãe solteira desde os quinze anos, justificando: "[...] até porque eu tinha filha, né, então eu já tinha a minha filha e não daria pra eu estar mudado e nem gostaria de estar mudando (CO, atletismo, Jogos Olímpicos de 1992 e 1996; comunicação pessoal)".

Embora os relatos baseiam-se mais na transformação da vida em nome da 'maternagem', observemos relatos sobre a ausência de estrutura, questionamentos de carreira, relacionamento com o filho, normalmente afetados pela distância durante as competições. Por outro lado, esses problemas não aparecem no discurso dos atletas do sexo masculino, quando mencionados, a paternidade é sempre positiva, sem nomear a responsabilidade pela paternidade ou perdas em sua carreira profissional.

Para as atletas brasileiras que são mães, muitas questões estão representadas em seus discursos. Outra atleta olímpica explica seus maiores desafios

Olha um deles foi eu ter ficado o ano inteiro longe da minha filha... é eu passei no começo do ano uma temporada em Madrid fiquei um mês e meio fora, no meio do ano fiquei um mês inteiro fora, (...) a gente fica grudada uma com a outra, então foi muito difícil para eu ficar longe dela. Então um fator foi eu ter ficado longe dela e ter... pensando assim não é que “eu tenho que fazer valer a pena, porque eu estou longe da minha filha, não é por um acaso, eu não estou aqui para passear, não para nada, eu não vou ficar longe da minha filha por um acaso” entendeu? “Vou fazer valer a pena” (M.M., atletismo, Jogos Olímpicos de 2008; comunicação pessoal).

Além das viagens e competições, constatamos narrativas reportando às adequações estruturais, como ter uma babá no centro de treinamento, compartilhando suas angústias e dúvidas, demonstrando desconfortos e sofrimentos em seus duplos papéis

[...] e quando tinha viagem que era difícil, eu chegava e ele não queria ficar comigo, então quem sofria era eu, era bem difícil. Ficava eu e a Paula no quarto, porque eram as duas que eram mães, então era noite de choradeira, falando no telefone, e eles não queriam falar, então esta parte é bem difícil. [...] Teve uma vez que a gente foi pro Grand Prix, e depois já foi pro Pan Americano, ficou quase 2 meses fora, então é bem difícil de administrar a saudades, a gente sente falta. Do marido a gente consegue com este negócio de falar no telefone, mas do filho é difícil né? Então a gente se desdobra. Às vezes ele ficava comigo em Saquarema, ele ficava com febre, passava a noite em claro e depois ia treinar, e era aqui, então faz parte, mãe é isto. Você, e no outro dia tá lá treinando ralando com as outras, não tem jeito, mas... opção nossa. (C.A., voleibol, Jogos Olímpicos de 2008; comunicação pessoal).

Não obstante, algumas atletas continuam competindo mesmo grávidas. Em seus discursos, pode parecer uma opção individual, mas nos fazem pensar sobre o controle de seus corpos

Eu tive uma filha e no período de gravidez eu peguei sete meses fora, eu competi até os 4 e aí depois que nasceu a minha filha, com 39 dias de uma cesariana que eu não tive dilatação nenhuma pra meu desespero, porque eu queria um parto normal pra eu sair correndo, não teve jeito, dilatação zero, o médico deixou eu lá regada a remédio, não dilatou, eu fiquei horas, não dilatou. Ele falou: “Olha, não dá mais pra esperar tem que fazer a cesária”. Nem com toda aquela dor, aquele incômodo, mas eu não queria fazer a cesária, aí fez a cesariana (CG, atletismo, Jogos Olímpicos de 1980; comunicação pessoal).

Para outros, foi mais o ambiente que reivindicou suas carreiras:

No ano anterior a esses jogos eu tive um filho, eu fiquei grávida, eu pensei que a minha carreira tivesse acabado, mas a minha técnica virou pra mim falou: “não, você vai continuar treinando, você vai ter o seu filho e vai continuar treinando”, e eu treinei até o oitavo mês de gravidez. (...) Eu treinei e eu no ano seguinte eu ganhei o JL em janeiro e voltei a treinar em março porque tinha esse Pan-Americano e ela precisava de mim. (...) e foi tudo muito difícil porque minha sogra foi junto pra cuidar do João Lucas e eu estava amamentando e meu braço doendo e a gente e competiu muito mal (C.F.A.; ginástica rítmica desportiva, Jogos Olímpicos de 2000; comunicação pessoal).

Isso nos leva à discutir compreendendo a era profissional dos Jogos Olímpicos, que entende como um período em que o esporte é constitui-se como uma carreira profissional<sup>33</sup>. A profissionalização transforma o entendimento do esporte e a relação das atletas com ele, embora as questões trabalhistas não atinja por completo essas atletas: a lei brasileira determina pelo menos quatro meses para os empregadores contratados sob as leis trabalhistas<sup>34</sup>, no entanto a observação sobre o cumprimento dessa lei deve-se mais à condição e desejos da atleta.

Em outro espectro, há diversos relatos que apresentam a maternidade como um desejo quando a carreira esportiva terminar. Nestes discursos, a maternidade pedirá um momento especial para dedicar toda a energia e provavelmente não voltará ao esporte. E, também, isso é comum em atletas de várias modalidades. Uma atleta de voleibol simplifica: “[...] está na hora de parar, então eu vou parar pra ser mãe, pra cuidar da minha filha (J.D., voleibol, Jogos Olímpicos de 2000; comunicação pessoal)”.

Uma atleta do boxe também destaca:

Então, eu pretendo me dedicar á minha família, eu quero um bebezinho, eu quero ter um filho, que é a vontade do meu esposo também, e pretendo cuidar mais da minha família, ficar junto com o meu esposo, com o meu filhinho, ficar com a minha família (E.S., boxe, Jogos Olímpicos de 2012; comunicação pessoal).

Outra do atletismo coloca a questão como a realização de um sonho: “[...] já pensando em construir uma casa, comprar uma casa, já estou noiva, pensando em casar logo, para 2016 quando eu parar, engravidar, eu tenho um sonho de ter filho (G.L., atletismo, Jogos Olímpicos de 2008; comunicação pessoal)”.

Como exemplo final, um trecho do discurso de uma atleta olímpica do handebol

Eu não penso assim, eu quero seguir minha carreira até onde eu puder e depois eu quero ter um filho, porque eu quero cuidar do meu filho, eu quero tá com meu filho o tempo que eu puder passar com ele, e eu acho que a gente tem a vida de atleta assim que a gente leva é uma vida, eu falo às vezes brincando que é uma vida muito louca (...), então é assim eu decidi que se eu fosse ter um filho e eu quero ter um filho eu encerraria minha carreira e depois teria esse filho porque eu quero ter meu filho e eu criar o filho num lugar, em casa, um lugar tranquilo (D.C., handebol, Jogos Olímpicos de 2008, 2012 e 2016; comunicação pessoal).

Em muitos momentos, colocam a maternidade como um obstáculo em suas carreiras, como prejuízos de contratos, afastamento de seleções, interrupções de ciclos olímpicos. A possibilidade de ser mãe é uma questão frequentemente presente no discurso das mulheres atletas brasileiras, quando são ou não mães, mesmo que desejem ou não ser uma, fazendo-as repensar até suas próprias condições de atleta. Ao analisar os discursos de atletas homens, buscando especificamente este conteúdo, observamos que a preocupação sobre a carreira ou mesmo sobre ter um filho é algo que não aparece no discurso de homens. Para atletas do sexo masculino, a presença de um filho é algo que não afeta suas carreiras, sempre visto em uma dimensão positiva; ainda, a menção apenas é feita por aqueles atletas que já são pais.

A subjetividade da maternidade nas narrativas das atletas brasileiras mostrou-se também em um estudo de Fetter e Silva<sup>35</sup>, embora sua pesquisa desenvolva análises sobre de liderança e gênero. Neste, os autores descrevem ter encontrado nas narrativas biográficas de mulheres atletas olímpicas brasileiras citações acerca da maternidade, apontando para essa subjetividade social da presença desta temática, mesmo quando esse não é o foco principal.

Em conjunto com a cordialidade brasileira, tudo isso parece naturalizado: a maioria das narrativas brasileiras não apresenta considerações sobre estruturas, relações com treinadores ou possibilidades de carreira. Ao ser questionada sobre as dificuldades de ser mulher no esporte, uma atleta aponta: “Não. Não que eu saiba e não eu lembre, assim. Se eu tivesse passado eu também teria passado por cima, então eu não vou me lembrar, agora não (MM, atletismo, Jogos Olímpicos de 2008; comunicação pessoal)”.

Os discursos superam-se no papel social de mãe. Podemos inferir esse pensamento à categorização do papel social da maternidade ainda como um papel feminino, que deve ser vivenciado, incorporado e de responsabilidade apenas da mulher, uma preocupação que deve ser dirigida às mulheres de maneira cordial. Para exemplificar mais uma vez, uma atleta de vôlei, medalha de ouro em 2008 diz: "O pessoal acha que é legal, bacana, mas é bem difícil (CA; comunicação pessoal)".

### **Considerações finais**

A maternidade transformou-se ao longo do tempo, mas apresenta-se como instrumento de poder, uma forma masculina de determinar e justificar as possibilidades da mulher em seu campo privado e social. Retornando às leituras de mitos, podemos observar que se em princípio Gaia era capaz de dar a vida de acordo com seu desejo, necessidade ou qualquer outro entendimento que venhamos a ter sobre ela, Maria, um mito historicamente mais recente, só é capaz de fazê-lo a partir de um Deus que se posta como figura masculina.

Ao nos debruçarmos nas narrativas biográficas, observamos que concomitantemente há a associação de uma identidade às concepções padronizadas e hegemônicas de feminilidade por atletas, marca-se um período de desconstrução do padrão feminino, atribuindo novos adjetivos às mulheres contemporâneas<sup>32</sup>. Ao discutirmos maternidade e como ela se relaciona com mulheres, atletas ou não, devemos entender que ela não possui um modelo único definido, imaginado ou experienciado. A maternidade, como todas as dimensões vividas, para as atletas brasileiras tem muitas representações - sociais, morais, individuais - e se repercutirá de maneira igualmente abrangente nas carreiras. Os conceitos de maternidade e maternagem devem ser vistos do ponto de vista das atletas, no âmbito pessoal e social, suas possibilidades e realidades:

As teorias feministas da maternidade são, portanto, válidas como perspectivas parciais, mas não podem ser vistas como teorias da maternidade generalizáveis para todas as mulheres. [...] Mudar o foco para acomodar essa diversidade direciona-nos a recontextualizar a maternidade e nos aponta para a teorização feminista que abraça a diferença como parte essencial (p.62)<sup>4</sup>.

Destaca-se a necessidade de não criar uma priorização sobre as diferentes realidades vivenciadas, concluindo que os múltiplos contextos devem ser um suporte para enriquecer a discussão e as brigas de direitos e possibilidades, como ponto essencial da maternidade. Em todas as narrativas em que as questões de gênero, sociais e raciais são explícitas, devemos nos ajudar a entender a diversidade de experiências, não a classificá-las.

Se esse objeto aparece com grande frequência nas narrativas de atletas brasileiras, de modo latente ou explícito, o mesmo não podemos observar no discurso masculino. A paternidade geralmente não aparece no discurso masculino, exceto quando pais, e sempre com bons sentimentos - ou problemas pontuais e simplórios de saudade, não com carga de responsabilidade. Ter um filho, analisando os discursos de diferentes épocas, não é mostra-se com relevância para atletas do sexo masculino, não tem consequências diretas na sua vida esportiva, demonstrando que a continuidade desse papel não é dividida por quem deve cuidar dele. Esse é um indicador de como a maternidade está impregnada no conjunto de conceitos da função social dada às mulheres também no esporte. E, mais uma vez, seguindo a cordialidade brasileira<sup>29</sup>, a problematização da maneira como o cuidado de uma criança opera no esporte brasileiro está fora de grande parte das narrativas.

O arquétipo da maternidade pode nos ajudar a entender a sociedade brasileira, como expressão do machismo, trazendo a consequente representação arcaica que a sociedade faz das mulheres, caracterizada por uma divisão da imagem feminina, moldada desde tenra idade no colo da família, reforçando o seu papel de mãe<sup>6,22</sup>.

Maternidade e maternagem são questões importantes que constroem e determinam muitas diferenças de gênero, não apenas para diferir, mas para determinar as relações de poder. Das construções dos mitos aos atletas do século XXI, atribuir a maternidade às mulheres parece tão natural, mas sempre carregada pelo discurso social. Para a maioria das mulheres - talvez todas - é algo que aparece em algum momento da vida com um grande problema, ao menos uma questão para pensar e responder socialmente. As atletas brasileiras nos mostraram o mesmo: se mães, como lidar com suas carreiras, do cuidado sozinhas de seus filhos, da falta de estrutura para uma função que a sociedade lhe encube; se optam pelo contrário, que respaldos tem em seus direitos de decidir sobre seus próprios corpos.

## Referências

- 1 Glenn EN, Chang G, Forcey LR. *Mothering: Ideology, experience, and agency*. London: Routledge; 2016.
- 2 Rubio K. A cordialidade feminina no esporte brasileiro. *As Mulheres e o esporte olímpico brasileiro*. 2011.
- 3 Devede FP. *Gênero e mulheres no esporte: história das mulheres nos jogos olímpicos modernos*. Porto Alegre: Editora Unijuí; 2005.
- 4 Collins PH. Shifting the center: race, class, and feminist theorizing about motherhood. In: *Mothering*. London: Routledge; 2016. p. 45-65.
- 5 Miller T, Tina M. *Making sense of motherhood: A narrative approach*. Cambridge: University Press; 2005.
- 6 Freyre G. *Casa-Grande & Senzala*. São Paulo: Editora Global; 2006.
- 7 Goellner SV. Mulher e esporte no Brasil: entre incentivos e interdições elas fazem história. *Pensar a prática*. 2005; 8(1): 85-100.
- 8 Ribeiro D. *Lugar de fala*. São Paulo: Pólen Produção Editorial LTDA; 2019
- 9 Rubio K. Biographical narratives of Olympic Athletes: an access road to identity and Brazilian sports imagery. *Am Int J Soc Sci*. 2015; 4(1):85-90.
- 10 Rubio K. Identidade heroica e narrativas biográficas: A memória do esporte por atletas olímpicos. *Olimpianos-Journal of Olympic Studies*. 2019; 3:1-24.
- 11 Amato JF. *Kairós: o momento da partida na história de vida de mulheres olímpicas brasileiras [Mestrado]*. Escola de Educação Física e Esporte. São Paulo: Universidade de São Paulo; 2018.
- 12 Bosi E. *O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social*. São Paulo: Ateliê editorial; 2003.
- 13 Rubio K. *Memória, esquecimento e meta-história: entre Mnemosine e Lethe. Narrativas biográficas: da busca à construção de um método*. São Paulo: Kairós; 2016.
- 14 Sousa Santos B. *O fim do império cognitivo: a afirmação das epistemologias do Sul*. São Paulo: Autêntica; 2019.
- 15 Leeming DA, Adams D. *A dictionary of creation myths*. Cambridge: Oxford University Press; 1994.
- 16 Machado R. *A Grande Mãe*. In: Rubio K, editor. *As mulheres e o esporte olímpico brasileiro*. São Paulo: Casa do Psicólogo; 2011.
- 17 Santos MF. *Crepusculário: conferências sobre mitohermenêutica & educação em Euskadi*. Porto Alegre: Zouk; 2005.
- 18 Campbell J, de Lima Dantas H. *As transformações do mito através do tempo*. São Paulo: Cultrix; 1990.
- 19 Leeming DA. *Creation myths of the world: An encyclopedia*. Santa Barbara (CA): ABC-CLIO; 2010.
- 20 Campbell J. *O herói de mil faces*. São Paulo: Pensamento; 1989.
- 21 Gaventa BR. *Mary: Glimpses of the Mother of Jesus*. Colúmbia (USA): Univ of South Carolina Press; 1995.
- 22 Iwashita P. Maria e Iemanjá. *Perspectiva Teológica*. 1989; 21(55): 317-331.
- 23 Miranda EO, Silva HM, Costa-Junior CD, Castro-Junior LV. Símbolos do povo de santo na festa de Iemanjá: uma análise interdisciplinar entre a geografia cultural, fotografia e memória. *Africanias. com – Revista Científica Digital*. 2014; 5:1-16.
- 24 Campbell J, Fischer C. *As máscaras de Deus: mitologia primitiva*. São Paulo: Palas Athena; 2005.



- 25 Leroi-Gourhan A. *Préhistoire de l'art occidental*. Ed. d'art Lucien Mazon; 1965.
- 26 Stearns PN. *História das Relações de Gênero*. São Paulo: Contexto. 2007.
- 26 Albornoz S. *As mulheres e a mudança nos costumes*. Porto Alegre: Movimento 2008.
- 27 Braidotti R. *Nomadic subjects: Embodiment and sexual difference in contemporary feminist theory*. Nova York: Columbia University Press; 1994.
- 28 Holanda SB, Eulálio A, Ribeiro LG. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras; 2014.
- 29 Rubio K. As mulheres e as práticas corporais em clubes da cidade de São Paulo do início do século XX. *Revista portuguesa de ciências do desporto*. 2009;9(2-3):195-202.
- 30 Decreto-lei nº 3.199, de 14 de abril de 1941. Bases para a organização do esporte no Brasil (citado 20 jul 2020). Disponível em <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-3199-14-abril-1941-413238-publicacaooriginal-1-pe.html>
- 31 Rosina D. As mulheres brasileiras nos Jogos Olímpicos de 1968 no México. *Olimpianos-Journal of Olympic Studies*. 2017; 1(2): 172-86.
- 32 Rubio K. Jogos Olímpicos da Era Moderna: uma proposta de periodização. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*. 2010; 24(1): 55-68.
- 33 *Consolidação das leis do trabalho: CLT e normas correlatas*. Brasília: Coordenação de Edições Técnicas; 2017.
- 34 Fetter JC, Silva EM. A atleta, o técnico. O atleta, a técnica. In: Rubio K, editor. *As mulheres e o esporte olímpico brasileiro*. São Paulo: Casa do Psicólogo; 2007.